

## APRESENTAÇÃO

*O IX Seminário de Imigração Italiana em Minas Gerais*, dentre os seus objetivos, teve o de tentar transpor o fosso que existe entre sociedade civil e mundo acadêmico. Por esse motivo, no edital, abrimos espaço também para textos não acadêmicos.

O texto que hora apresentamos é de Jonathas Carlos Galdino, agricultor orgânico e biodinâmico, artista plástico e técnico em Agropecuária pela Universidade de Viçosa, sendo também vice-presidente da Orgânicos Sul de Minas. Natural de Caldas-MG. Ele também é descendente de italianos, mantendo essa identidade viva e apontando a importância do descendente de italianos na composição e gestão das cooperativas agrícolas da região. Ainda na exaltação da origem italiana, aponta a importância do capital cultural trazido pelos seus ancestrais da Itália: conhecimentos técnicos relativos à arquitetura, pintura, escultura e música.

O seu artigo foi escolhido para a publicação por ser uma rica fonte de pesquisa, que permite vários estudos como os da construção de identidades, análise do discurso e mesmo como subsídio para complementação de dados sobre a imigração italiana na região, por meio da tradição oral, já que o autor esclarece que muito dos conhecimentos apresentados são fruto da história oral contada por pais e avós. O autor mistura conhecimentos obtidos por meio da tradição oral de sua família, com os de história obtidos na escola e em livros didáticos de história, dando um tom artístico e ensaístico ao artigo. Embora haja anacronismos, o autor não é acadêmico e seu texto dá uma excelente oportunidade de estudar a apropriação e transmutação dos discursos históricos por não acadêmicos.

Por fim, Galdino, como descendente de imigrantes que preserva essa identidade, é representante vivo da história da imigração italiana no Sul de Minas e demonstra o envolvimento de descendentes de imigrantes italianos em uma das temáticas do seminário: a criação de políticas públicas de desenvolvimento sustentável, facilitadas por uma realidade de pequenas propriedades tocadas por agricultura familiar, onde a contribuição do contingente étnico do imigrante italiano é inegável.

*Carlos Eduardo Rovaron – Coordenador acadêmico do IX Seminário da Imigração Italiana em MG.*

## **EM CALDAS, A PONTE ENTRE UMA RAIZ ITALIANA NO PASSADO A UM TRABALHO PELA VIDA SUSTENTÁVEL E ORGÂNICA NO PRESENTE EM INSTITUIÇÕES MARCADAS POR DESCENDENTES DE ITALIANOS**

*Jonathas Carlos Galdino<sup>1</sup>*

O sul de Minas Gerais, em sua formação e ocupação, foi marcado pela imigração de portugueses, espanhóis e italianos. Com a mistura de povos e línguas, ao desenrolar da história, sua identidade cultural original esvaneceu em alguns locais. Ainda assim é possível ver a origem italiana de seu povo pelos traços e prenomes: Nicoletti, Crochichi, Contin, Luiggi, D'Ambrosio, Galdino, dentre tantos outros.

O autor deste artigo, descendente de imigrante italiano que tentou a sorte no Sul de Minas Gerais, na curiosidade de conhecer melhor as raízes dos antepassados, nas conversas com avós e pais, na beira da mesa, ou ao lado do fogão a lenha, sempre buscou por mais detalhes do bisavô italiano, D'Ambrosio: construtor e artista que deixou seu legado em inúmeras casas dos anos 50, 60, 70 do Século XX, na cidade de Caldas, no sul de Minas Gerais. Hoje, um bisneto curioso de ampliar o conhecimento de cada raiz de suas origens, se atenta a este antepassado, de onde, quiçá, herdou o dom artístico, busca o resgate e valorização de suas raízes italianas, e procura atuar e auxiliar na tão sonhada sustentabilidade, dedicando a vida ao trabalho com agricultura orgânica e biodinâmica, e atuando em instituições da região, importantes nas ações sustentáveis e permeadas de partícipes de origem italiana, como cooperado na COOPFAM<sup>2</sup>, vice-presidente na OSM<sup>3</sup> e associado na AGRIFAN<sup>4</sup>.

**PALAVRAS-CHAVE:** Agricultura familiar; agricultura orgânica; viticultura orgânica; Caldas/MG; imigração italiana; COOPFAM

---

<sup>1</sup> JONATHAS CARLOS GALDINO, é natural e residente em Caldas/MG, agricultor orgânico e biodinâmico, artista plástico e, Técnico em Agropecuária pela Universidade Federal de Viçosa, campus de Florestal.

<sup>2</sup> Cooperativa dos Agricultores Familiares de Poço Fundo e Região

<sup>3</sup> Central das Associações dos Produtores Orgânicos do Sul de Minas.

<sup>4</sup> Associação dos Agricultores Familiares e/ou Orgânicos de Andradas e Região.

**ponte:** [do lat. *ponte.*] *S.f.* **1.** Construção destinada a estabelecer ligação entre margens opostas de um curso de água ou de outra superfície qualquer (...) **5.** *Fig.* Qualquer elemento que estabelece ligação, contato, comunicação ou transição entre pessoas ou coisas. – Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, *Novo Dicionário Aurélio Aurélio da Língua Portuguesa*, Editora Nova Fronteira, 2ª edição, 8ª reimpressão.

## PREÂMBULO

A visão panorâmica do tempo, a observação ora ampla, sintética, ora detalhada, pode nos conduzir a uma reminiscência poética e ao mesmo tempo a uma contemplação fria e factual.

A distância cronológica, entre a ocupação de Roma pelos gauleses de Breno, no quarto século antes de Cristo, e a origem das reminiscências míticas da fuga de Éneas de Tróia, Rômulo e Remo alimentados e criados por uma loba onde surgiria Roma, o rapto das Sabinas, distantes entre si, mas ao mesmo tempo próximas quando pensamos na adoção pelo Imperador Teodósio I do Cristianismo como religião oficial do já consolidado Império Romano.

Próximas por palavras, distantes no tempo, mas unidas e coincidentes ao alocarmolas na formação dos povos itálicos, no empoderamento de Roma, sua queda, o coincidente emaranhar com os acontecimentos do Velho Continente e na síntese que conseguimos absorver quase trinta séculos depois de Tróia, o espírito do povo itálico e sua determinação que formam nosso legado plasmado em nosso inconsciente – numa perspectiva junguiana – em nossas árvores genealógicas, em nossos traços de DNA e no orgulho que possa formar-se em nosso íntimo em relação a nossa Origem.

Da fusão e desenhar do tempo do antigo osco ou úmbrio, sabélico, etrusco e outros idiomas proto-latinos, vindo a somar e formar o latim romano, este frutificando em nosso idioma português, influenciando o francês, formando o espanhol, o italiano concebido do dialeto fiorentino registrado por Dante Alighieri, até mesmo influenciando nas declinações gramaticais do idioma alemão ou na formação do romeno, e tantas outras influências que o apogeu e força de Roma deixaram marcando o continente Europeu, sendo algo difícil de não ser admirado pelos seus descendentes hodiernos.

Da origem mítica de Roma, a imperar no Velho Mundo, vencendo nas Guerras Púnicas, chegando aos limes do Reno, à Muralha de Adriano na antiga Bretanha, a nortear a África e margear a Ásia, redesenhar as terras ibéricas onde mais tarde seus filhos luso-

hispânicos singrariam os mares e tomariam as Américas, unificando em uma onda civilizatória. Mais tarde fragmentada nos tempos feudais para depois reunificar-se no ardor nacionalista de Garibaldi impulsionado pelo espírito do tempo - oriundo da Revolução Francesa - e mais tarde, uma tentativa fracassada de reviver os tempos de glórias imperiais no século XX.

Todo este caminho desenhado por Cronos e percorrido pelos itálicos – oriundos da fusão com tantos outros povos indo-europeus dos etruscos, dos celtas, dos vândalos, dos lombardos a outros do período final do Império Romano e das invasões bárbaras – formou a paisagem cronológica que desenhou a Itália Moderna e foi o passado de nossos ancestrais. Quando em algum momento da linha do tempo nos atentamos e ampliamos o foco, observamos o ponto de difusão destes colonos italianos que deixaram sua terra pelos mais distintos motivos e procuraram continuar sua vida no Novo Mundo.

E é ao nos atentarmos neste ponto histórico: a vinda de nossos ancestrais. Quando ampliamos o foco na vinda de italianos para nossas paragens do sul de Minas Gerais e planalto da Pedra Branda o que resulta no presente rol de palavras. Com um caráter memorialista e italianófilo, o objetivo é de com a atmosfera do percurso do tempo transformador da história, marcada pela ancestralidade Itálica e sua imigração a terras brasílicas, meditar e refletir, orgulhando-se e aprendendo. E sendo também o objetivo de podermos considerar como um legado toda a gigantesca bagagem histórica e um ponto de conversão para não repetirmos os erros, e reproduzir os acertos, o que nos trás ao presente legado italiano em nossas terras, na busca de uma atividade ambiental e socioeconômica corretas, características que despontam dentre descendentes buscando por sua vida sustentável.

## **Parte I**

### **O PASSADO**

*“Só pode se amar o que se conhece” – Santo Agostinho*

#### **1 – Contextualização histórica geográfica local**

No final do século XVIII, quando a Itália ainda não era unificada como conhecemos hoje, e possivelmente avós e bisavós de nossos ancestrais nem sonhavam que algum descendente seu buscaria construir a vida no Brasil, no Sul do Estado de Minas Gerais. Na região que hoje forma a cidade de Caldas e mais vinte municípios, originados do antigo Arraial de Nossa Senhora do Patrocínio do Rio Verde das Caldas (1806), vinha sendo ocupada por portugueses, como o Capitão de Ordenanças Antônio Gomes de Freitas,

fundador da Fazenda dos Bugres do Rio Verde das Caldas (PIMENTA, 1998), onde se originaria a atual cidade de Caldas, precursora e “mãe” da maioria das cidades da região, de Alfenas a Andradas, de Poço Fundo a Poços de Caldas (ROVARON, 2009).

Uma região de montanhas, campos, marcada pela presença de araucárias, de transição entre Mata Atlântica, Cerrado e outros fragmentos do gênero como Floresta Estacional Semidecidual Montana e Altomontana, Campos de Altitude, dentre outras (ROSA, 2011). Foi ocupada lentamente no final do século dezoito, tendo seu primeiro Arraial fundado em 1806, onde hoje é Caldas, e a vida dos habitantes locais foi sendo definida inicialmente pelas atividades de pecuária: criação de bovinos em campos nativos, com uma parca agricultura de subsistência que com o tempo aumentou.

A paisagem diferenciada devido a sua altitude predominantemente acima de mil metros do nível do mar, chegando a 1760m na Pedra Branca - Caldas, 1663m no Pico do Gavião - Andradas, 1686m na Serra São Domingos – Poços de Caldas. Com a formação peculiar por onde outrora fora a caldeira de um vulcão, ilha de espécies endêmicas que ainda no século XIX forneceu exemplares para o herbário do Jardim Botânico de Upsala na Suécia, o que faz-nos destacar a presença de Andrew Regnell, médico e botânico sueco que em Caldas viveu (PIMENTA, 1998), e registrando a flora local, levou o nome de Caldas ao mundo acadêmico Europeu, sendo visitado por figuras ilustres de sua época.

Em tempos em que a outrora Freguesia, então cidade de Caldas, ia perdendo seus povoados, se desligando e emancipando, como Andradas, Poços de Caldas e Poço Fundo, citando aqui os municípios que dão o foco territorial ao presente trabalho, era época em que a Itália se unificara e decorrente das Guerras Napoleônicas, as decadências das famílias aristocratas, crescimento e fortalecimento da burguesia – a aristocracia que não tinha poder por questões de sangue nobre, mas apenas por ter grande concentração de capitais – acontecimentos que afetavam quase toda a Europa Central, Mediterrânea e Ocidental, geravam tempos difíceis. Acontecimentos muito bem registrados por Mario Seguso em sua obra: *Os admiráveis Italianos de Poços de Caldas, 1884-1915*. Nestes tempos de maior delineamento e crescimento da região pouco povoada, do Planalto da Pedra Branca, começavam a chegar os primeiros italianos, muitos já vindos de fazendas da Província de São Paulo, ou até mesmo da Argentina, sendo marcante o maior número de famílias a chegar na oitava década do século XIX (SEGUSO, Mario, [1988?]).

É importante assinalar que a mudança na perspectiva de imigração para as terras brasileiras, ocorreu a partir do Brasil Régio, com a chegada da família real em 1808. Até então, como bem sabemos eram exceções os imigrantes não portugueses que vinham para

estas terras, e como a tradição oral mantém na boca do brasileiro, vinham para explorar estas terras, não para construir o futuro. Fato necessário de estudo e certamente injusto é generalizar a relação de todo português aqui instalado até então sob este julgamento. Ainda assim vale assinalar, colocações do Dr. Reynaldo Pimenta quanto a relação do trabalho, dos primeiros caldenses na primeira metade do século XIX: “*Nobres pelo menos de dois costados que não herdaram, ao sangue puro de ascendentes patrícios, o mau costume de trabalhar, visto que o trabalho só fora feito para marranos e tapamunhos*”<sup>5</sup> (PIMENTA, 1998. pg. 170). Fato ainda que influenciou nisso foi o país ainda viver de trabalho escravo, fator que começou a decair com o fim do tráfico negreiro em 1850, graças a Dom Pedro II, mais tarde com a Lei do Ventre Livre (1875) e posteriormente, em 1888, com a abolição da escravatura (DIEGUÉS JÚNIOR, Manuel, 1976).

## **2 – A ocupação Italiana**

Conforme destacado, estas ondas de imigração de outras nacionalidades e etnias europeias (suíços, alemães, italianos) foram de colonos em buscas de melhor vida, vinham com sonhos e não só para explorar esta terra, mas fazer dela sua nova Pátria para seus descendentes. Os italianos começaram a chegar, ainda em pequenas quotas, entre 1836 a 1853 (DIEGUÉS JÚNIOR, Manuel, 1976).

O fim do tráfico negreiro gerava uma situação onde o capital gasto com este tipo de comércio, passou a ter bom uso, sendo investido na criação de indústria e ferrovias, como as obras do Visconde de Mauá, por exemplo. Então mais uma vez a imigração retoma crescimento, com o apoio do Império.

Neste contexto que se avoluma a imigração italiana destacando 1875 no Rio Grande do Sul, 1880 em São Paulo, e neste interim no Espírito Santo e Santa Catarina (DIEGUÉS JÚNIOR, Manuel, 1976). Já em Minas Gerais, uma província sem litoral, foi comum muitos imigrantes italianos passarem em outras províncias do Império do Brasil, principalmente São Paulo – no que se refere a nossa microrregião – para por fim aqui se instalarem.

Com amplos vazios demográficos, com a mudança na forma de trabalho e na necessidade de mão de obra, além da crescente instalação de lavouras de café, o Império impulsionou a imigração, com Leis, concessões, suporte e outros mecanismos institucionais

---

<sup>5</sup> **Tapamunhos:** primeiros africanos tragos ao Brasil. Stuart B. Schwartz, TAPANHUNS, NEGROS DA TERRA E CURIBOCAS: CAUSAS COMUNS E CONFRONTOS ENTRE NEGROS E INDÍGENAS. <https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/viewFile/21053/13650> Consulta em 19/08/2019).

para conquistar aqueles que pretendiam se aventurar e tentar novas conquistas longe da terra de seus ancestrais.

Assim como Enéas deixava Tróia há trinta séculos, por razões diferentes, mas análogas, para reconstruir a vida e seu povo. Assim como os ibéricos - ex-patícios dos italianos, uma vez que o Império Romano mui influenciou na formação daquela península que hoje são Portugal e Espanha – no século XV e XVI atravessavam o Atlântico e expandiam seu império. Agora, italianos simples, ex-empregados da decadente nobreza italiana, por exemplo, atravessavam os mares para reconstruírem suas vidas, muitas vezes deixando pais e irmãos para trás, mas munidos do intrépido espírito bravio sempre presente em seus ancestrais, trazendo seus dons para a culinária, para a vindima, para as artes e tantos trabalhos em especial, munidos de sonhos, aguerridos com coragem e determinação, e algo que nunca podemos esquecer, *sem medo do trabalho*.

Assim milhares e milhares de filhos da Itália deixaram sua Terra Mãe e começaram novas histórias em novas terras que escolheram como pátria para seus descendentes, mantendo a Itália como pátria de seu espírito.

### **3 – Os D’Ambrósio e a Arte**

Desta ampla linha do tempo histórica, paralelas dos povos italianos e das terras brasileiras com o seu povo em formação, ampliamos o olhar panorâmico, para aprofundar em histórias mais específicas de nossos rincões.

Seguso marca a chegada de uma maior quantia de italianos a Poços de Caldas em 1886, chamados pelo então Coronel Agostinho Junqueira, filho do fundador da cidade. Vieram para trabalhar na Fazenda Barreiro (SEGUSO, [1988?] pp. 15 – 18), assim como tantos outros em tantas outras paragens de nossa região. Com a significativa imigração oriunda da Península Itálica vindo para a região, na maioria das vezes passando antes por São Paulo, como já mencionado, o final da década de 80 e começo da década de 90 do século retrasado, é marcado pelo magnífico trabalho citado como primeiro grande impulso itálico em Poços de Caldas.

Poços de Caldas, cidade que possuía a, hoje lamentavelmente desativada, Estação Mogiana, através dela ligava a região à cidade de Campinas. Certamente a estação foi o destino de muitas daquelas pessoas que chegaram com calafrios da mudança e da aventura na qual haviam se embrenhado, mas com a esperança e o sonho marcados a motivá-los, e dali meio caminho para outras paragens da região, onde o destino os levava a se fixar.

Este extenso caminho nos trás ao ponto de conexão da história com a construção de uma ponte para o futuro, no desenvolvimento do raciocínio deste trabalho, o casal de italianos: Affonso D’Ambrósio e Clarice Mantovani D’Ambrósio. Três anos após se casarem, atravessavam o Atlântico deixando a Pátria, certamente ansiosos e cheios das mais diversas sensações com patrícios e quantos outros poderiam estar no Vapor Savoia – Itália, certamente com uma miríade de sentimentos em si ao observarem o litoral brasileiro desenhado pelas ondulações e cristas do mar de morros, emoldurando o horizonte continental do porto de Santos, chegando assim em 1886 ao Brasil. Dalí o casal partiu para a Fazenda Padula em Ribeirão Bonito, na província de São Paulo, onde Affonso trabalhou como jornalista e mais tarde foi fazendeiro de café na Fazenda “Bela Vista”, distrito do mesmo município paulista, e também comerciante de gêneros alimentícios nas cidades da região (Dourado, Boa Esperança, Vila Nova, Santa Clara e Tabiju – província de São Paulo) (D’AMBRÓSIO, Myriam, 2011). Em 1906, com a grafia de ‘Alfonso D’Ambrosio’, Seguso assinala sua chegada, conforme registrou pacientemente com tantas dezenas e dezenas de outros nomes italianos.

Fixando-se em Poços de Caldas, ali se tornou proprietário do Hotel Internacional, com alguns filhos já bem crescidos, como Antonio D’Ambrósio que em 1913 já trabalhava na Alfaiataria Ferruccio e destacava os dons da família para com a música na “Sociedade Musical Santa Cecília” (SEGUSO, [1988?]). É em Poços de Caldas que o bisavô do autor nasce no ano de 1907. Décimo filho de uma prole de 14 crianças, sendo os seguintes: Vicente D’Ambrósio, Genarino D’Ambrósio, Sabbattino D’Ambrósio, Antonio D’Ambrósio, Miguel D’Ambrósio, Roberto D’Ambrósio, Thereza D’Ambrósio, Fioravante D’Ambrósio, Maria Luiza D’Ambrósio, José D’Ambrósio, Aurea D’Ambrósio, Clorinda D’Ambrósio, Ernesto D’Ambrósio e Idalina D’Ambrósio; tendo falecido os dois primeiros filhos ainda no primeiro ano de vida, registro que nos demonstra os índices de mortalidade infantil altos na época. Conforme o último registro feito pela família, no ano de 2011 a progênie oriunda do patriarca e matriarca D’Ambrósio já chegava a mais de 580 pessoas, sem contabilizar alguns descendentes que não tiveram a filiação, duas netas de Affonso e Cecília, devidamente registrada.

A participação na vida poços caldense do começo do século, e anos de crescente formação da cidade, foi ampla, conforme as conversas com netos deixam claras ao ter as lembranças avivadas conforme o diálogo perdura. Algo que podemos ver registrado na breve biografia de Affonso no livro genealógico feito por uma de suas netas, onde registra sua participação na “*Sociedade Italiana de Poços de Caldas*” (Società di Mutuo Soccorso Stella

d'Italia), onde foi “*membro honorário, benemérito e presidente*” (D'AMBRÓSIO, Myriam, 2011).

Assim como todas as famílias italianas e tantas outras famílias de nossa terra, se recorrermos às lembranças que lamentavelmente não foram registradas, podemos preencher livros e bibliotecas. Não é diferente com esta família de imigrantes italianos. O trabalho genealógico e da história da “*Famiglia D'Ambrósio*” não é objetivo central deste trabalho, mas ainda assim não é possível deixar de destacar: todos os filhos do casal italiano que atravessou o Atlântico em 1886 compartilhavam de dotes musicais e outros dons artísticos. Na recordação oral traga à tona por seus filhos e netos (netos e bisnetos de Affonso e Clarice), os talentos destacados ao tocar o clarinete, violino, instrumentos de percussão, acordeom, violão, criação de uma rádio em Caldas, a voz exuberante das filhas do casal, todas cantoras líricas, a criatividade para dar maior beleza às construções que faziam, a tecer o vime, ao bordar, ao criar soluções engenhosas para os trabalhos, na alfaiataria, na padaria, na pintura, dentre tantos trabalhos artísticos que ocorre citar e ainda poderiam ser mais profundamente descritos. Vemos o legado deixado por este casal imigrante no talento de netos, bisnetos e trinnetos contemporaneamente, a pintar, cantar, tocar; e destacando aqui o detalhado e feito cheio de esmero, livro de Myriam D'Ambrósio, neta, que reuniu todos os dados genealógicos da família da chegada ao Brasil a 2011.

Affonso e Clarice mudaram para Caldas, como conta um neto deles, devido à “gripe/febre”, que podemos deduzir como a Gripe Espanhola, que tirou muitas vidas em Poços de Caldas em 1918 (JUDICE, Luiz Roberto, 2006). Aproveitando de tantos talentos dentre seus herdeiros, em Caldas ele continuou na atividade de hotelaria e algo completamente pioneiro: abriu o primeiro cinema mudo (**Qual a fonte?**). Entre as sessões de cinema e as músicas que acompanhavam as películas os filhos do casal davam vida sonora às salas. O prédio onde fora seu Hotel não mais existe, bem como inúmeras outras construções de Caldas, que foram demolidas junto com suas memórias, este localizava-se na Praça Central da cidade.

Da prole de 12 filhos crescidos e casados, o décimo filho, José D'Ambrósio, destacou-se na atividade de pedreiro, exímio construtor, além de ser pintor. Uma lembrança de quem o conheceu ao ser perguntado sobre sua pessoa: “*era artista*”, e o mesmo título citado por muitos outros que o conheceram, ou viram demonstrado em seus trabalhos. Ao usar a técnica de estampagem, similar a xilogravura, ao pintar arabescos na reforma da Igreja do Rosário (pinturas que não mais existem), ao dar forma de tronco de árvore às colunas da varanda de uma casa, ou a forma de garrafa a outra, ao pintar com esmero as paredes, e tantos

trabalhos relatados, dos quais poucos ainda existem. Embora tenha se destacado artisticamente como construtor-pedreiro-escultor, pintor, também teve o primoroso tino musical dos irmãos, tocando violão. E como todos os irmãos, os pais, e como quase todos italianos, grande apreciador do vinho.

O legado humano deixado é vasto por essa família italiana, dentre tantas outras. Affonso D’Ambrósio em 1942, 56 anos após ter chegado da Itália, aos 80 anos, falecia, deixando uma contribuição de trabalho inquestionável como a marca registrada dos imigrantes italianos, como facilmente menciona quem algo conhece de sua história. Seu filho José, tão talentoso com a arte, e na pintura outro dom dele muito lembrado - mas as pinturas feitas em paredes se perderam (do descoberto em pesquisas até o momento), numa terra onde a memória mal é conservada, mais mal conservada ainda são as paredes que não podem falar, mas carregam muito mais do que palavras, e sim testemunhos, e no caso: arte – mal poderia imaginar, que mais tarde, no fim do século quem adquiriria e reformaria sua casa seria um artista plástico. Casa que muitas vezes viria a abrigar o trineto de seu pai no início do terceiro milênio, bisneto seu, certamente menos ainda ele imaginaria que este bisneto desenharia e pintaria, aprimorando seu dom com a orientação do dono de sua antiga casa, Valdir Felix Sabino, natural de Poços de Caldas, dom praticado desde a infância com lápis, ou construindo casas em montes de areia.

Numa ponte histórica do desembarque do *Venita-Italia* em 1886, chegamos ao presente em uma vida vivida em 2019.

## PARTE II

### PRESENTE

#### Um depoimento

*“Leve é a tarefa quando muitos dividem o trabalho”* – Homero, poeta grego.

#### **1 – O passado tornando-se presente, alguns dados autobiográficos do autor**

Em 2013, após 6 anos de experiência enquanto funcionário público, trabalhando na Secretaria de Meio Ambiente e Agropecuária de Caldas, atuando no Conselho de Meio Ambiente de Caldas, representando o município no Comitê de Bacias Hidrográficas da micro-bacia dos afluentes mineiros dos rios Mogi-Guaçu e Pardo, e sendo secretário na referida secretaria, por um breve período; ter passado pela experiência de candidatar-se a um cargo do legislativo municipal, quando felizmente não fui eleito, experiência que contribuiu na percepção de não acreditar na possibilidade de real transformação e evolução da sociedade por este sistema não auto-regenerativo. Eu voltava à casa de meus pais no sítio Coqueiral, no mesmo município, deixando de viver na pequena cidade que fora destino de meu trisavô

italiano, Affonso D'Ambrósio; local onde o meu bisavô José D'Ambrósio construiu sua vida e sua filha Maria José, minha avó, teve uma vida intensa e difícil, onde o seu filho Luiz Carlos Galdino, meu pai, casara-se em 1984, com uma moça oriunda do bairro de Santana de Caldas, ora residente em Poços de Caldas – filha de agricultores do citado bairro rural de Caldas, com alguns antepassados italianos, bairro que por sinal tem muitas famílias com sobrenomes e traços italianos – minha mãe, Olázia Aparecida de Oliveira. Começaram a família em Caldas, ele trabalhando como agricultor; ela como costureira, tecendo cestas de palha de milho ou trabalhando nas fábricas de doce da cidade; mais tarde morando em algumas propriedades na região onde trabalharam como caseiros, tendo dois filhos Jonathas Carlos Galdino e Daniel Carlos Galdino. Em 1998 conseguem fazer o negócio da troca de sua casa em Caldas, por um sítio na zona rural desta cidade, à partir de então Sítio Coqueiral, voltando assim a viver do campo em sua terra para o próprio sustento e formação dos filhos. Eu, o filho mais velho, saíra em 2007, e agora voltava em 2013, com algumas experiências para continuar sua vida, e algumas metas no caminho.

O retorno para o sítio foi difícil entre a conciliação de viver no sítio e ainda voltar todos os dias para a cidade, para trabalhar agora como funcionário do município cedido para a EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais – e aproveitando os espaços de tempo e finais de semana para o trabalho no sítio, além de ainda participar de cursos, Conselhos e Associações, dedicar à leitura e tentar não abandonar a pintura, algo apreciado na infância e desenvolvido profissionalmente ao longo da vida, embora em segundo plano desde o funcionalismo público e do gradativo retorno ao campo. Em 2015 optei por licenciar-me do cargo público e em 2017 demiti-me, uma loucura para muitos abandonar a segurança de um cargo de funcionário público.

Foi o folhear de livros e inúmeras leituras, aliados das vivências diferentes em viagens ou com tantas pessoas da cidade, mais o eco das conversas dos mais velhos na mente, que levaram à escolha do plantio da uva, primeiro puxão ao retorno para o campo. Pelos principais motivos de ser uma cultura que já brilhou em Caldas e impulsionou tantas vidas e tanta história nesta cidade, desde o final do século XIX, porém entrando em decadência por volta da década de 70 do século passado. Com as inovações tecnológicas da EPAMIG, não muito reconhecida localmente, mas procurada e respeitada de Norte a Sul do país. O desejo deste resgate cultural e tradicional, ajudando na valorização da autoestima enquanto agricultores familiares – a falta dela tem sido profundo fator a somar no intenso êxodo rural que vem acontecendo ao longo dos anos. E, na memória saudosa percebida nas lembranças de meus pais de tempos idos, das belezas que a cultura da uva proporciona bem como da

identidade fixada aqui. Para ter autoestima, podemos refletir: é essencial conhecer-se, conhecer suas raízes, suas origens, o valor do próprio trabalho, conseguindo independência e consequentemente sendo necessária a liquidez econômica da atividade, para tornar menos difícil os desafios da vida. Algo essencial para conhecer nossas raízes é termos preservado os registros de nossa história, algo lamentavelmente escasso em nossa terra, embora já há seis milênios nossa espécie começasse a fazer seus registros, até hoje enfrentamos a dificuldade de fazê-los. Claro que um dos fatores que auxiliaram a termos poucos registros escritos da história local, registros da tradição oral, deve-se aos desafios do extenso analfabetismo profundamente arraigado no país, em especial no interior e áreas rurais. Junto disso a pouca memória conservada referente aos antepassados, muitas vezes nem nos nomes se conservaram como no caso de nossos imigrantes italianos tendo seus pronomes transformados de Zincone em Zigone, Salvatore em Salvador, Moras em Morais, e assim por diante. Sem dúvidas esta é uma reflexão e estudo que merecem aprofundamento, e de tal forma conhecendo esta realidade, percebemos o quão nossa gente não se conhece, não conhece sua terra, e assim não se ama, ou não ama sua terra. Fator com menos força negativa, quando a união familiar, a conservação ao menos oral da história e laços dos ancestrais e alguns resquícios culturais são preservados. Neste raciocínio permitiu-me logo cedo ver como possível – após ter feito um curso do Projeto Transformar, em 2010, para jovens oriundos do campo, promovido pela Emater/MG – e compreender como uma estratégia de fortalecer a identidade cultural e diversificar a atividade econômica da família, no resgate da cultura da uva implantando-a na propriedade de meus pais.

Assim nas duas primeiras décadas do terceiro milênio, um neto de José D'Ambrósio concordava que, eu, seu filho tomasse a iniciativa de implantar um pequeno vinhedo de uva americana, variedade bordô, conhecida localmente como Folha de Figo. Meu pai, meu irmão e eu implantamos o vinhedo, com vários desafios desde o início. Algo não levado em consideração nos planos para a implantação do vinhedo, fora as ressalvas feitas pela minha mãe no início, foi o choque de gerações e de estudos/escolaridade, combinado com as personalidades geniosas, dificilmente não herdadas do seu sangue quente dos ancestrais mediterrâneos.

Hoje este vinhedo encontra-se produtivo, com o manejo orgânico certificado para atender as normas da legislação brasileira, embora ainda inviável economicamente pela dificuldade em mão-de-obra e em especial pela competição com a fauna local, ora macacos, ora pássaros, ora gambás, ora quatis, ora morcegos, ou todos juntos, degustando a produção orgânica de uva. Ainda assim, com a ajuda dos pais, elaborando suco integral e geleia de uva

orgânica, com aquela que os animais têm deixado colher. O tempo levou ao esforço em tentar vencer tal desafio diversificando as atividades, primeiro paralelamente à uva produzindo amora-preta, com a descrença inicial na viabilidade da nova cultura por parte do patriarca, porém mais tarde com o seu apoio. Mais tarde, principalmente após ter deixado o serviço público, comecei a produzir hortaliças para auxiliar na renda, e hoje agregando a estas atividades o início na criação de abelhas. Hoje, meus pais vivem com meu irmão em outro sítio, herança de meu pai. Além da dificuldade de coordenar todas as atividades citadas, praticamente sozinho, ainda há a manutenção de toda a propriedade que gera intenso trabalho, mas o maior desafio é tentar conciliar todas estas atividades de forma **viável** à participação ativa, **verdadeiramente participativa**, em associações, cooperativas e/ou iniciativas que tenham como foco a agricultura orgânica, biodinâmica e agricultores familiares; e também conciliar com continuar estudando, com a leitura, com a pesquisando, com o aprendizado. Ou tentando algum tempo de misturar o amarelo de cádmio, com alizarim crimson, com o branco de titânio, chegando a tonalidades de pele com o equilíbrio que um toque de verde vessie ou azul cobalto, possa dar, ao tentar reproduzir um dos rostos em uma Santa Ceia, tentando chegar próximo daquela composição de um italiano, Leonardo da Vinci, presenteada ao mundo há cerca de 500 anos no afresco do refeitório da igreja de *Santa Maria delle Grazie* em Milão, Itália.

## **2 – A atual conexão do passado com instituições de agricultura orgânica**

Ainda no curso de 2013, tive a oportunidade de assistir ao documentário: Um Homem, uma vaca, um mundo, e ali conhecer a agricultura biodinâmica, me apaixonar por uma leitura da agricultura como manifestação da criatividade e arte do ser humano, percebendo a ligação da prática agrícola com a geometria sagrada, geometria e constante algébrica também desenvolvida por um italiano, Leonardo Fibonacci.

Até então, eu, não totalmente crente da agricultura orgânica, principalmente pelo perfil da maioria dos seus defensores, pessoas que não têm ideia de como é realmente a vida no campo, como é plantar e perder, vender e não receber, não ter luz em casa, ou caminhar vários quilômetros para estudar, ser visto com certo desprezo ou pieguismo sentimental, e fazem turismo social e procuram apropriar de nossa realidade de agricultores em proveito de seu discurso ideológico, quase sempre envenenado com profundo radicalismo extremista, como do ambientalismo, e de ambientalismo radical eu estava esgotado nesta época. Mas este documentário me auxiliou a esquecer de tudo isso, coincidentemente o destino lembrou-me de perguntar à Maria Neuza de Carvalho, engenheira agrônoma da EMATER, até então eu não a conhecia, mas sabia ser apoiadora e estudiosa da agricultura orgânica no escritório da Emater,

na cidade vizinha de Andradas. De uma conversa no café de um encontro sobre PNAE – Política Nacional de Alimentação Escolar na cidade de Caldas, indagando sobre agricultura biodinâmica, nos levou a um curso sobre biodinâmica em Jaguariúna/SP com o incrível professor João Carlos Ávila, curso que juntos concluímos em 2014, e desde então nasceu uma profunda amizade.

Então decidi por dedicar-me à agricultura orgânica e agregar a prática da biodinâmica, começando a mudar o manejo do vinhedo e da amora-preta. Procurar a Certificação Orgânica e tentar o difícil desafio de ignorar o discurso ideológico comumente falado nos meios de agricultores familiares orgânicos, quase sempre por não agricultores... A vida nos ensina, e com aprendizado tentamos ter sabedoria e guardar nosso espírito bravio para focar no ponto de conversão que possamos ter em comum de forma produtiva, no caso a agricultura orgânica.

Ainda em 2014, Maria Neuza me apresentou à AGRIFAN – Associação de Agricultores Familiares e/ou Orgânicos de Andradas e Região, com sede no Bairro Serra dos Lima, do município de Andradas. Tive a oportunidade de ser aceito e conseqüentemente solicitei minha cooperação na COOPFAM, cooperativa da qual a AGRIFAN constitui um grupo.

A AGRIFAN é uma associação com vários membros com laços familiares, sendo uma destas famílias italiana, Crochquio, uma das pioneiras no Bairro da Serra dos Lima situado a mais de 1200 metros de altitude, associação fundada em 2003. De igual forma a COOPFAM, cooperativa com o seu embrionamento na década de 80, e hoje constitui-se como a maior cooperativa de agricultores familiares de café orgânico do país, com vários de seus cooperados de Poço Fundo, cidade de sua sede, com origem italiana, ancestralidade merecedora de estudo aprofundado e específico. Neste momento percebemos as conexões propiciadas pelo destino, onde centenas de pessoas, das quais com inúmeros antepassados italianos, continuando o legado de seus ancestrais e convergindo o seu encontro na procura de garantir sua contribuição no melhor trabalho possível em prol do respeito com a Natureza e desenvolvimento de uma vida saudável.

## **2.1 – COOPFAM**

Cooperativa de Agricultores Familiares de Poço Fundo e Região – COOPFAM, com sede no município de Poço Fundo. Enquanto cooperativa foi registrada em 2003, porém o início de sua história data da década de 80, entre 84 e 87, conforme depoimentos dos fundadores.

Algo que marca a história da formação do Brasil, e não é diferente quando trata-se da chegada de imigrantes italianos e sua assimilação na sociedade brasileira é a religiosidade, mais expressivamente a Católica Apostólica Romana. A religiosidade foi uma característica importante para o começo da mobilização ocorrida entre as famílias de agricultores familiares em Poço Fundo.

Poço Fundo possui território que outrora estivera sob dependência da Comarca de Caldas na primeira metade do século XIX, e com a emancipação de Alfenas passou a ser parte deste novo município, tendo sua origem nesta época (1870) quando tornou-se Distrito, com a emancipação de Machado permaneceu como distrito desta cidade e emancipou-se como cidade em 1923 com o nome de Gimirim, passando a chamar Poço Fundo em 1953 (CARVALHO, 2006). Com características singulares e similares às de Caldas e Andradas, destaca-se por possuir pequenas propriedades e ter como principal atividade econômica a agropecuária (CARVALHO, 2006). Alguns sobrenomes de cooperados e alguns testemunhos coletados mostram que imigrantes italianos deixaram seus rastros por ali, nomes tais como Caproni, Corsini, Caliare, Scalco, Marini, Milan, dentre outros, como os grupos em bairros citados por cooperados que possuem vários descendentes itálicos como grupo Morais, grupo Cardoso, grupo Gonçalves e grupo Barra, todos, grupos oriundos da área rural do município de Poço Fundo. Tais dados demonstram a existência de descendência italiana neste município mineiro, mas como percebemos carece e merece estudo aprofundado. Neste cenário, motivados pelos encontros promovidos pela Pastoral da Terra, instituição da Igreja Católica, agricultores familiares se reuniam para discutir sobre sua realidade, buscando melhorias para as suas condições de vida de forma a evitar serem levados pelo êxodo rural.

Conforme percebido nas participações de tantas reuniões e Assembleias da Cooperativa e conforme depoimentos, em especial para o presente trabalho do atual vice-presidente, Luís Carlos de Paiva, notamos nas definições de bandeiras de lutas, na mobilização inicial da segunda metade da década de 80, as famílias de agricultores procuravam definir o quê fazer, e se mobilizar na busca por melhorias, tais como: por alimentação saudável, por uma vida mais justa, sem a necessidade de sair de suas terras. Inicialmente procuraram participar de organizações já existentes, como o Sindicato de Agricultores, contudo percebendo a inviabilidade de conseguir um espaço onde nem todas as perspectivas eram as mesmas das do grupo e para evitar desgastes com atritos internos em uma organização já em funcionamento, em 1991, fundaram a Associação de Pequenos Produtores do Município e Comarca de Poço Fundo, iniciando com 15 sócios (CARVALHO, 2006).

Como Maria Neuza de Carvalho assinala em seu estudo: “*Capital Social e Associativismo*”, onde faz um estudo de caso da COOPFAM e instituições parceiras, ela aponta a desistência de alguns sócios inicialmente, e dos 15 sócios fundadores declinando a 6 ou 7 (CARVALHO, 2006. Pág. 39). Apesar das dificuldades não houve desânimo, como declara Luís. Nas motivações iniciais precedentes à formação da Associação e após sua formação, junto da vontade de melhorar as qualidades de vida para os agricultores familiares, estava o objetivo de buscar a venda direta, fazer compras coletivas, ter um produto diferenciado, a formação do agricultor e o maior acesso à informação. Mais tarde com o aumento dos plantios de café, esta cultura tornou-se a principal atividade econômica da Associação, antes havia muitos agricultores cultivando fumo, e muitos migraram para a cultura do café. Então surgia “*o sonho de vender o café direto*”, sem o atravessador. Podemos perceber e vivenciar que esta tomada de consciência animou e deu a vitalidade necessária para este grupo de agricultores não desanimar, tendo sua autoestima bem definida e fortalecida.

Maria Neuza documenta em seu trabalho: “*entre os problemas iniciais discutidos inicialmente estavam o tipo de manejo adotado nas lavouras, as intoxicações por agrotóxicos...*” (CARVALHO, 2006. Pág. 39). E, foi justamente nesta época, cerca de dois anos após a formação da Associação, quando os agricultores conheceram o mercado *fairtrade*/mercado justo (*Fairtrade Labelling Organization -FLO*), quando a Associação se credenciou em 1993, como relata Luís Carlos de Paiva, como a primeira organização credenciada no Brasil e a primeira a certificar-se em 1998. Participou em 1996 de um encontro para debater sobre o sistema de certificação *fairtrade* na Alemanha. Em 1996 a Associação já opta pela produção orgânica e consegue sua primeira certificação em 1997, pela AAO – Associação de Agricultura Orgânica. (COOPFAM, 2019).

Apesar das dificuldades dos primeiros anos, a Associação cresceu chegando a 35 associados em 2000 (CARVALHO, 2006. Pág. 39)., e atingindo o sonho de fazer a primeira venda de café sem atravessador, neste mesmo ano de 2000 e a segunda no ano seguinte, conforme informa Luís Carlos de Paiva. Isso levou à necessidade de se discutir a criação da Cooperativa, por motivos legais, pois a venda com finalidade de lucro em uma Associação não é permitida na legislação brasileira, sendo esta uma característica de cooperativas. Com isto em 2003 nasce a COOPFAM, em 16 de novembro. Por atribuições de coincidência do destino, cinco dias depois foi fundada a AGRIFAN.

Com a fundação da Cooperativa, um grupo de mulheres de cooperados iniciaram suas reuniões, sem uma periodicidade definida, mas com o intuito de debater assuntos da cooperativa e temas do universo feminino. É importante destacar aqui, na grande maioria das

vezes quem se cooperava era o marido, e as esposas não, mas muitas destas mulheres iam com seus conjugues às reuniões, com o tempo sentiram-se tolhidas em se manifestar e votar, uma vez não sendo titularmente cooperadas. Foi esta importância de se ganhar visibilidade e entendimento da necessidade de se conquistar o próprio espaço, fator gerador do grupo MOBI, inicialmente com o nome de Mulheres Organizadas em Busca da Independência e hoje com o nome de Mulheres Organizadas em Busca da Igualdade. Conforme depoimento de Maria Regina Mendes Nogueira, foi coordenadora do grupo por aproximadamente 6 anos, inicialmente o grupo, além do desejo de ter um espaço claramente disponível para manifestarem-se nas Assembleias, procurou cursos no SENAR, como de pintura de tecido; discutiram a idéia de fazer uma cozinha industrial na sede da cooperativa para ajudar a complementar a renda em casa, algo abandonado por conta da distância logística para a locomoção de todas à sede; o projeto do cultivo de flores, como as rosas e copos de leite orgânico; e, mais tarde o café feminino. Como haviam e existem glebas de café cuidados em sua totalidade, ou maioria dos serviços realizados pelas mulheres da família, elas conseguiram uma cliente para este café cuidado pelas mulheres, à partir daí: café feminino, e esta pessoa disposta a adquirir este produto pediu a formalização grupo. Com a ajuda da Aloísia Rodrigues Hirata e Luiz Carlos Dias da Rocha, ambos do Instituto Federal do Sul de Minas, unidades de Pouso Alegre e Inconfidentes respectivamente, auxiliaram nos procedimentos formais, o grupo foi formalizado, sendo um grupo dentro da COOPFAM. E hoje, já iniciaram um sistema interno de Certificação Participativa do Café Feminino na cooperativa, contando com uma linha Orgânica e outra Sustentável (café que possui a certificação para mercado justo – *fairtrade* – porém sem o manejo orgânico). Como Maria Regina conta, as experiências e histórias, vivenciadas e aprendidas com ou em grupo, são muitas, de forma que seria possível falar por horas e horas a respeito, mas duas circunstâncias não poderiam deixar de serem citadas aqui: uma é o destaque e reconhecimento conquistado pelo Café Feminino quando este foi escolhido para ser o café da Copa do Mundo realizado no Brasil e posteriormente das Olimpíadas e a outra é, conforme relata de forma entusiasmada, a gratificação em ter o trabalho reconhecido e valorizado. E como bem relata o site da Cooperativa: “*O Café Feminino é resultado do encontro e da luta de mulheres que acreditaram em seu potencial*” ([COOPFAM](#), 2019).

Neste contexto e buscando aprimorar seu produto, procurando ser um diferencial no mercado, participando ativamente da vida na comunidade, mais grupos se formaram, mais pessoas se cooperaram, e a Cooperativa procurou não perder suas características essenciais de agricultura familiar, de trabalhar a base – ou seja – contribuir com a formação de cada

cooperado, informando-o e garantindo o empoderamento de cada um. Em 2006 já eram 160 cooperados associados, hoje já chegam são 540 cooperados, dos quais a grande maioria é de agricultores familiares, sendo todos certificados fairtrade, e 124 são de cooperados com produção orgânica (Dados fornecidos pela Cooperativa).

Em 2018 a Cooperativa lançou uma nova identidade visual e procurou modernizar suas estratégias de marketing e na busca de aumentar a cada momento seu profissionalismo, e acompanhar as tendências de mercado, ou até mesmo estar à frente deste, como tem sido o investimento em cafés especiais. E, além disso, inovou com um diferencial mostrando a cara de sua motivação existencial, a Cadeia do Bem com o objetivo de atuar como uma rede, como uma cadeia onde acontecem ações que transformam de uma ponta à outra, da família, ao vizinho, ao consumidor na outra ponta. Tendo investido em uma estrutura de beneficiamento de café, com o intuito de evitar a terceirização para prestadores de serviço, e vindo a ter a possibilidade de prestar serviços; tendo uma equipe de colaboradores dedicados e bem formados, que além de prestarem assessoria técnica aos cooperados, executam as atividades contábeis, comerciais, administrativas, dentre outras; estrutura para torrefação e moagem do café, e sua comercialização; tendo parcerias e convênios com o comércio local e atendimento médico; apoiando instituições beneficentes; com o grupo de mulheres, MOBI, ativo e atuante; o grupo de jovens – preocupação com a sucessão familiar– começando a se formar de forma empolgada; preparando-se para iniciar a Certificação interna para o Café SAT – Sem Agrotóxicos; Certificação FLO; Certificação Orgânica por auditoria, atualmente pelo IBD; Certificação Orgânica Participativa pela OSM; Cadeia do Bem, dentre muitas outras atividades. A COOPFAM, além de contar com os grupos de agricultores de Poço Fundo, é composta por grupos de outros municípios, como o grupo de Andradas (AGRIFAN, desde 2004), o grupo de Poços de Caldas, de Guapé e Boa Esperança, de Arapongas e Brazópolis.

As atividades desenvolvidas à partir da idéia inicial de um grupo de 15 agricultores de melhorar a qualidade de vida e garantir sua permanência no campo, 28 anos depois de sua formalização, vêm sendo conquistadas, a cada momento, dinamicamente procurando se atualizar, desenvolver, com o desafio de não perder sua identidade original e a participação de todos os agricultores cooperados.

Neste cenário da história do surgimento, crescimento e desenvolvimento da COOPFAM, podemos perceber inúmeros descendentes de italianos ativos nela, aqueles residentes nas roças do município, aqueles do Bairro Lima de Poços de Caldas, aqueles da Serra dos Limas em Andradas, percebendo na origem italiana da Presidente da Cooperativa Vânia Pereira, do Diretor Carlos Henrique Nogueira, do autor deste artigo, da mais recente

colaboradora contratada para o Departamento de Mulheres, Jovens e Idosos, Mariana Martins. Com isso percebemos como os imigrantes italianos deixaram um legado humano através de seus descendentes, que interagindo, mesclando com outros imigrantes ou brasileiros, têm contribuído em atividades que procuram beneficiar a si e a comunidade, de forma sustentável e ampla.

### **3 – A produção orgânica**

Quando em 2014, quando fui aceito e fiz a minha filiação na AGRIFAN e cooperação na COOPFAM, com o manejo já em fase de alteração das áreas definidas para a produção orgânica na propriedade de meus, já me permitiram caminhar no sentido de certificar a produção como orgânica, de acordo com a Lei 10.831/2003.

Neste momento eu já havia sido convencido da total adesão a esta forma de praticar a agricultura, principalmente por conta das perspectivas com que me deparei em olhar a agricultura como uma expressão de criatividade e arte, numa relação de respeito e equilíbrio com o meio, garantindo e propiciando melhores condições de saúde para quem produz, para quem consome e para o meio. Assim sendo uma forma de auxiliar no labor de ver o mundo em uma condição melhor, na prática agindo como os axiomas gregos de “ser, pensar e agir”, e “agir localmente para mudar ‘globalmente’”.

Assim como o exercício de lembrar o passado e olhar para os galhos itálicos de nosso sangue, proposto no presente trabalho. A agricultura com manejo orgânico é uma ação similar. O manejo orgânico, biológico, enquanto técnica agrícola, não é uma novidade, como muitas vezes parece, mas sim um resgate de tradições e técnicas de manejo praticadas pelos nossos ancestrais, e não descartadas em nome de um academicismo esnobe que olha do alto, ou de um modernismo que considera atrasado tudo que se relaciona com técnicas passadas. Usar o conhecimento e sabedoria acumulado por agricultores ao longo de gerações, e por ventura lapidá-los com as possibilidades tecnológicas do hoje, esta pode ser uma de muitas definições para nossas técnicas de trabalho agropecuárias. Não foram raras vezes quando preparava uma calda, ou observava determinados fatores nas atividades quotidianas, minha mãe lembrava-se de trabalhos similares executados por seu pai, meu avô. Portanto, muita das formas de trabalhar de nossos antepassados, nossos imigrantes da Península Itálica nos idos do século XIX, hoje é resgatada por nós.

Neste caminhar de ligações institucionais, alimentado pelo combustível de ter na Agricultura Orgânica um caminho para melhorarmos nossa vida em sociedade, o processo de Certificação Orgânica me fez participante da ‘Orgânicos Sul de Minas’.

#### **3.1 – Central de Associações dos Produtores Orgânicos do Sul de Minas**

Em 2014, a Certificação adotada pela COOPFAM para seus cooperados era a Certificação por auditoria, onde uma empresa devidamente credenciada avalia a conformidade com o regulamento orgânico para certificar o correto procedimento adotado pelo agricultor. A Cooperativa sendo exportadora de café necessita desta modalidade de certificação, uma vez que a outra forma – trataremos adiante – não é aceita pelo regulamento orgânico de outros países e o Mercado Comum Europeu. Na época a certificadora a auditar a COOPFAM era a BCS – *BCS Öko-Garantie GmbH*. Entretanto, aqueles cooperados que não produzem café, ou pretendem certificar outros produtos que não o café, não eram atendidos nesta modalidade de Certificação dentro da Cooperativa. Com a finalidade de atender tal demanda a COOPFAM já vinha organizando o grupo de horticultores cooperados para sua Certificação pela modalidade participativa.

Diferente de outros países o Brasil em sua legislação onde estabelece os seus critérios para a conformidade orgânica, prevê o modelo participativo de certificação orgânica, além da auditoria. Nesta modalidade os próprios agricultores podem criar uma organização – OPAC, Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade Orgânica e, credenciá-la no Ministério de Agricultura para se visitarem e de acordo com as próprias regras que atendam à Legislação, e assim ter o seu sistema de certificação - SPG, Sistema Participativo de Garantia. Hoje o Uruguai já adotou modelo similar e em acordo bilateral o Chile já permite a importação de produtos orgânicos brasileiros certificados nesta modalidade.

Mais de um século após as ondas de imigração italiana nas terras do sul de Minas, agricultores e entusiastas vinham se organizando para fortalecer e regularizar sua produção orgânica. Em 2010 já se iniciaram as conversas referentes à certificação participativa pela Ecominas, Associação de Agricultores Ecológicos do Sul de Minas, com sede em Pouso Alegre. No ano seguinte, a Emater-MG percebendo a demanda surgindo, fez uma oficina em um evento promovido por ela, o Frutifica Minas. Com isso as articulações, pontes se fortaleceram e foram sendo criadas, quando no ano de 2012, após intenso trabalho culminou na Assembleia de Fundação da Central das Associações de Produtores Orgânicos do Sul de Minas – OSM. É importante destacar que *“o envolvimento do IFSULDEMINAS e EMATER-MG foi essencial na articulação dos membros e esclarecimentos sobre as exigências legais que, com certeza, contribuiu muito para o bom andamento dos trabalhos”* (HIRATA, 2018, pág.11). Desde a fundação da OSM – Orgânicos Sul de Minas, a COOPFAM esteve presente, tendo como uma sua representante na primeira diretoria da Associação, a cooperada Rosângela de Souza Paiva no cargo de presidente.

Com o surgimento da Central de Associações, o trabalho no horizonte mostrou-se amplo, pois embora o motivo inicial para o seu surgimento fora a Certificação Orgânica, como necessidade imediata, no horizonte também foram estabelecidas as prioridades da formação de uma Rede de Orgânicos e facilitar na comercialização coletiva, temas que ainda estão em desenvolvimento.

Com grande sucesso no seu primeiro ano de existência a OSM já promoveu o Primeiro Circuito Sul Mineiro de Agroecologia, com a finalidade de realizar oficinas na propriedade de agricultores, com temas específicos daquela propriedade e sendo trabalhos primorosos nas unidades familiares de produção onde o ocorreu cada encontro do circuito. Sendo um mecanismo de troca de conhecimento e informação horizontal, e não vertical muitas vezes visto com relutância por parte dos agricultores quando percebem profissionais com peito estufado, garboso e profundo afetamento do ego lustrado, ou ilustrado, que ignora o saber ou conhecimento do agricultor, e apenas despeja o conhecimento teórico da academia. Evidentemente o número de profissionais da área com este perfil não são a totalidade, mas uma parcela significativa, predominando esta impressão entre os produtores.

A articulação com outras instituições foi crescendo por parte da OSM, sendo o IFSULDEMINAS e a EMATER as principais parcerias; aumentaram as associações e grupos informais a se associarem, totalizando 16 instituições associadas.

A presença de descendentes italianos em todos os 16 grupos necessita de averiguação, porem de forma dedutiva por prenomes, traços morfológicos e história comum da região não é difícil supor a existência de um número significativo, sendo interessante o levantamento ao longo do tempo desta informação. Vale indicar, que além da COOPFAM, a AAOF – Associação Agroecológica de Ouro Fino é outra associada da OSM a ter e estar em uma cidade, com muitos descendentes de italianos, seu representante, por exemplo, na atual diretoria da OSM, Pedro tem bisavô italiano de sobrenome Savastano, isso sem conferir outros possíveis descendentes.

E, de um agricultor procurando o reconhecimento legal de sua produção através da Certificação Participativa em 2014, a obtendo para o ano de 2016, hoje este trineto de um casal de imigrantes de italianos, representando uma Cooperativa composta por vários sócios que tem origem italiana ocupa o cargo de vice-presidente da OSM.

### III PARTE

#### FUTURO

*“Aquilo que nós temos em nosso sangue por herança é a única coisa que dá permanência ao nosso futuro.” – Oswald Spengler*

*“O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão”. João Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas.*

O senhor bem sabe, disse, os velhos, os primeiros emigrantes, um após o outro, já se foram. Se até pouco tempo atrás, estando presentes, era o bastante para testemunharem a realidade concreta de uma saga vivida por milhões de criaturas, hoje com a falta deles, está se abrindo um vazio que exigiria sem perda de tempo fossem preenchidas aquelas páginas de história quase todas ainda para serem registradas, antes que se percam definitivamente as lembranças dos fatos. Seria triste saber que a próxima geração dos descendentes não tivesse onde atingir informações sobre suas origens ignorando até a história da própria família. (SEGUSO, [1988?])

Pudemos observar e refletir sobre uma perspectiva ampla e depois mais detalhada. Primeiro da origem mítica da Itália e dos italianos ao período de suas imigrações no século XIX em paralelo ao desenvolvimento da história do Planalto da Pedra Branca. Depois, aprofundando na conexão histórica do ser, tempo e espaço com a imigração italiana em nossa região e ampliando o olhar a um casal, para permitir a visualização de uma ponte e ligação do passado com o presente, na interação de um descendente seu, com outros descendentes de seus patrícios nos tempos atuais. Em ações que buscam a sustentabilidade, respeito pela natureza, qualidade de vida e saúde para si e para a sociedade como um todo.

Nesta perspectiva podemos perceber como a contribuição destes imigrantes se expressa hoje. O futuro deles é o presente para nós. Seus filhos, netos, bisnetos, trinnetos, casaram-se se integraram à comunidade, tornaram-se brasileiros, e interagem hoje com sem número de patrícios das diversas origens que compõem o Brasil, é a raiz ou tronco da árvore genealógica de muitos de nós, contribuindo com talento e arte, com trabalho e criatividade, e herdando aquilo que tem motivado os nossos antepassados e certamente tem motivado toda a humanidade, uma busca por melhores condições de vida, e nesta busca, nos diferentes momentos históricos da vida de cada um, convergiu em se associar, cooperar e buscar a sustentabilidade dos elos: social, ambiental e econômico.

E como podemos descrever nosso futuro? O futuro é uma perspectiva, mas sempre irreal, acaba sendo resultado de nossas ações e interações, das ações de terceiros e coletivas,

portanto o futuro não existe, a priori ele é resultado de nossa ação. E como Martin Heidegger muito bem nos leva a perceber, o nosso existencialismo de sermos entes de ação, de Sermos no tempo espaço, pois somos muito mais do que um ser racional, mas o resultado de uma transformação permanente. Quando surgimos já tínhamos a garantia da herança deixada como legado pelos nossos ancestrais, e como Spengler cita, já temos a garantia de continuidade pela herança que deixaremos de nosso sangue. Este é o mínimo, então façamos o máximo. Honremos as heranças por nossos ancestrais legadas, tenhamos a sensibilidade do afã que os motivou, cada lágrima, cada gota de suor, cada acerto, cada erro, usando nossa massa encefálica garantamos a existência de um planeta para os a vir depois, e quando eles olharem para trás, poderão percebê-lo ainda melhor do que hoje.

Assim, se ao construirmos esta ponte, podemos definir que o seu começo é o passado, e o presente é o trecho de ligação pelo qual passamos, qual será o outro lado da ponte? O passado acabou, nos resta o amor e recordação, o futuro não existe é mera miragem, o presente é o futuro do passado, somos o presente, somos a constante transformação, vivificação daqueles que já se foram, e se ações fazem o futuro, as ações acontecem agora, sejamos o futuro que começa neste instante. Sejamos uma ponte para o futuro! E para fazermos esta ponte, conheçamos o nosso passado.

*“Uma semente cresce sem som, mas uma árvore cai com um ruído enorme. A destruição tem ruído, mas a criação é silenciosa. Esse é o poder do silêncio. Crescer silenciosamente.” – Confúncio.*

### **BIBLIOGRAFIA:**

CARVALHO, Maria Neuza de. **Capital Social e associativismo: estudo junto à cooperativa de agricultores familiares de Poço Fundo e região – COOPFAM – associações parceira.** Brasília, DF: UnB – CDS, Especialista, Extensão Rural para o Desenvolvimento Sustentável, 2006 (Monografia de especialização).

COOPFAM. <https://coopfam.com.br/>. Acesso em 19 de agosto de 2019.

D’AMBRÓSIO, Myriam. **Família D’Ambrósio.** Caldas, MG: volume manuscrito particular, 2011.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **Etnias e culturas no Brasil.** Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1976.

HIRATA, Aloísia Rodrigues. **O Sistema Participativo de Garantia do Sul de Minas Gerais.** Aloísia Rodrigues Hirata; Luiz Carlos Dias da Rocha; José Aloizio Nery. Pouso Alegre, MG: Ifsuldeminas, 2018.

JUDICE, Luiz Roberto. **A gripe espanhola em Poços de Caldas, 1918: a morte silenciosa.** Poços de Caldas, MG: Sulminas, 2006.

OSM, Orgânicos Sul de Minas. <https://organicossuldeminas.com.br/>. Acesso em 19 de agosto de 2019.

PIMENTA, Reynaldo de Oliveira. **O Povoamento do Planalto da Pedra Branca – Caldas e Região/** obra póstuma. Complemento: Colcha de Retalhos/ Marta Amato. São Paulo, SP: s.ed., 1998.

ROSA, Amália Eugênia Matavelli. **Revisitação de Bromeliaceae na APA Santuário Ecológico da Pedra Branca, Caldas, MG.** Rio Claro, SP: Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2011 (Dissertação de mestrado).

ROVARON, Carlos Eduardo. **Ocupação da região da Caldeira Vulcânica de Poços de Caldas-MG (Séc. XVIII-XX).** São Paulo, SP: Universidade de São Paulo, 2009 (Dissertação de mestrado).

SEGUSO, Mario. **Os Admiráveis Italianos de Poços de Caldas – 1884-1915.** Poços de Caldas, MG: s.ed., [1988?].